

## “TUDO E MAIS UM POUCO: A CRIAÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A CIDADE DE BELÉM POR UM ADOLESCENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA”

Elen Regina Da Silva Souza <sup>1</sup>

Bruna Cristina Barros Diniz <sup>2</sup>

Valerie Sarpedonti <sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

O transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado, entre outros, por déficits de comunicação e interação social (APA, 2013). Essa condição está relacionada a um desenvolvimento atípico do cérebro, envolvendo processos tais como a formação de sinapses entre neurônios, a poda neural, o sistema límbico e os neurônios-eselho que estão envolvidos nos processos de aprendizagem por imitação. (Kerche, 2020). Em função das partes e funções do encéfalo afetadas, o sujeito com autismo irá apresentar uma série de comportamentos que lhe são próprios. As dificuldades mais frequentemente documentadas em pessoas com TEA competem em entender as expressões faciais e posturas corporais, iniciar e manter conversas, compartilhar emoções (Montenegro, 2021).

As abordagens visando desenvolver a comunicação da pessoa com TEA dependem essencialmente das suas limitações cognitivas e centros de interesses. A análise aplicada do comportamento (ABA, do inglês Applied Behavior Analysis) utiliza técnicas através do reforço positivo, onde comportamentos desejáveis são seguidos por recompensas que encorajam a repetição desses tais comportamentos (Camargo, 2013). O Tratamento em Educação para Autista e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação (TEACCH) que se baseia em auxiliar o indivíduo em adquirir independência, desenvolvimento de novas habilidades e autonomia a partir da valorização das capacidades cognitivas da pessoa, e o sistema de comunicação alternativa (PECS) que usa imagens como sistema de comunicação são também muito usados no Brasil (De Oliveira, 2015). Essas três metodologias oferecem viabilidade do convívio social na busca de possibilidades de uma comunicação gradual e são baseadas nos interesses e motivação do indivíduo.

Hoje em dia, jovens e adolescentes, que sejam neurotípicos ou neurodivergentes, demonstram interesses particulares para as redes sociais, os videogames e outros tipos de tecnologia de

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará – UFPA, [elen.souza@icb.ufpa.br](mailto:elen.souza@icb.ufpa.br);

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal – UFPA, [bruna.diniz@icb.ufpa.br](mailto:bruna.diniz@icb.ufpa.br);

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutorado, Faculdade Ciências Biológicas - UFPA, [valerie@ufpa.br](mailto:valerie@ufpa.br)

informação e comunicação (TIC). Tal foi o caso do Elias, um adolescente com 12 anos de idade, diagnosticado com TEA grau 1, e que participou ao longo de um ano do projeto 'Inclusão pelo conhecimento: o transtorno do espectro autista' desenvolvido pelo grupo de estudo em educação inclusiva e ambiental (GEIA) da universidade federal do Pará.

Tendo em vista o perfil do aluno e desempenho dele ao longo do projeto, foi decidido dedicar o último trimestre à criação de um documentário sobre a cidade de Belém, tendo como título 'Tudo e um pouco mais: qual o bairro predileto dos belenenses?', onde o Elias assumiu o papel de jornalista. Esse exercício visou trabalhar várias habilidades do educando tais como a fala, a expressão corporal, a autoestima, o raciocínio, a ansiedade, o controle inibitório, sempre usando reforços positivos e de acordo com um Plano de Ensino Individualizado (PEI) elaborado em alinhamento com as abordagens ABA e TEACCH.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

O projeto aprovado pelo comitê de ética e pesquisa (CAAE: 74316123.3.000.0018) e com duração de um ano, foi desenvolvido no centro comunitário Allan Kardeck localizado no bairro do Jurunas (Belém/PA), onde envolveu seis crianças e adolescentes com TEA. A primeira fase do projeto, com duração de três semanas, consistiu na elaboração do perfil dos jovens. Para tal, foram elaborados questionários aplicados aos pais visando ao melhor entendimento das habilidades, limitações e centro de interesse dos jovens. Em paralelo, sessões semanais com uma hora de duração ocorreram para observar o comportamento dos educandos. A partir desse conjunto de dados, o PEI foi elaborado e as duplas educador/educando foram criadas.

O perfil do Elias mostrou que possuía dificuldade em iniciar diálogos, perdurar uma conversa, manter contato visual e foco limitado. O responsável apresentou um laudo clínico indicando TEA como grau 1 de suporte. Ao longo do primeiro semestre, temáticas acerca da guerra, da proteção ambiental e de fatos históricos foram trabalhados usando principalmente jogos de guerra. Já no último trimestre, e devido ao interesse do jovem para a cidade de Belém, foi decidido em comum acordo com o educando, elaborar um documentário sobre a capital paraense, visando definir qual o melhor bairro da cidade, analisando um conjunto de dados coletados por meio de entrevistas. Nesse caso, o PEI foi dividido nas seguintes etapas gradativas: 1) Elaboração do roteiro de entrevistas: essa etapa se tornou necessária visto que o educando não sabia discutir a temática (os bairros de Belém) sem orientações. Para estimular o

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará – UFPA, [elen.souza@icb.ufpa.br](mailto:elen.souza@icb.ufpa.br);

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal – UFPA, [bruna.diniz@icb.ufpa.br](mailto:bruna.diniz@icb.ufpa.br);

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutorado, Faculdade Ciências Biológicas - UFPA, [valerie@ufpa.br](mailto:valerie@ufpa.br)

pensamento do jovem foi apresentado um vídeo de cinco minutos baixado da internet (Youtube) onde se discute os pontos turísticos da cidade. Após visualização, foi discutido com o Elias quais temas eram relevantes para a pesquisa dele e quais perguntas poderiam ser inseridas no questionário a ser passados aos participantes da pesquisa; 2) Ensaiar as entrevistas com a equipe executora se apoiando no questionário preparado na etapa anterior; objetivou-se repetir esse exercício ao longo de três sessões para corrigir a postura e entonação de voz do jovem, além de lhe dar confiança na sua prestação e trabalhar a memorização das perguntas; 3) Entrevistar pessoas desconhecidas em ambientes fora do centro comunitário; essa prática foi realizada na UFPA onde o jovem aplicou o questionário para 11 pessoas, sendo essas estudantes e servidores públicos da universidade. Essa etapa foi necessária para a coleta de dados visando a criação do documentário e permitiu trabalhar o comportamento do jovem em situação de improvisação; o educando era sempre acompanhado por duas educadoras; 4) Sintetizar os dados coletados em uma tabela criada manualmente em uma folha A4, onde o Elias colocou as perguntas da entrevista e as respectivas respostas dos entrevistados; uma vez a tabela completa, os resultados obtidos foram discutidos. Essa etapa, além de trabalhar o foco e o raciocínio ao longo da interpretação das informações, visou exercitar a escrita do educando. Foram previstas duas sessões para atingir esse objetivo; 5) Gravar um vídeo de curta duração no qual ele interpretava o papel do jornalista e relatava qual o melhor bairro da cidade de Belém. A gravação foi realizada por meio da câmera do celular; após cada cena, a postura, o foco depositado na atividade e a elocução eram avaliados pelo educando e as educadoras. 6) Edição final do vídeo através do aplicativo de celular “CapCut”, deixando-o livre para fazer suas alterações no vídeo, desde os efeitos gráficos, legendas, música e cortes. Foi reservado dois momentos para isso; o Elias fez a edição final no último atendimento no centro comunitário e os detalhes que achou necessário fazer em sua residência pelo seu celular.

Além disso, devido ao estresse do educando, foi decidido inserir ‘comerciais’ ao longo do vídeo. Neles, o educando podia falar à vontade sobre assuntos do interesse dele. No caso, ele optou por apresentar um aplicativo de comunicação e um jogo digital prezado por ele. Cada ‘comercial’ teve duração aproximada de dez segundos e o vídeo documentário teve, na sua íntegra, uma duração de dois minutos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Elaboração do roteiro de entrevistas sobre os bairros de Belém;

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará – UFPA, [elen.souza@icb.ufpa.br](mailto:elen.souza@icb.ufpa.br);

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal – UFPA, [bruna.diniz@icb.ufpa.br](mailto:bruna.diniz@icb.ufpa.br);

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutorado, Faculdade Ciências Biológicas - UFPA, [valerie@ufpa.br](mailto:valerie@ufpa.br)

O Elias gostou do vídeo apresentado; pausas na visualização foram necessárias para que o educando tivesse tempo de assimilar as informações transmitidas e pudesse comentar a respeito. Ele reconheceu e elogiou os pontos turísticos apresentados no filme, no entanto, quando lhe foi perguntado quais aspectos devem ser considerados para eleger o melhor bairro da cidade, o Elias logo apresentou critérios práticos. Assim, e em consonância com a visão dele, o questionário a ser aplicado aos moradores da cidade de Belém teve as seguintes perguntas: 1) Qual seu nome; 2) Em qual bairro você mora? 3) Tem muito barulho? 4) Quais opções de lazer? 5) Em relação aos hospitais? 6) Tem supermercados? 2. Ensaiar as entrevistas com a equipe executora; esse exercício foi difícil para o jovem que demonstrou vergonha e insegurança. Ele colocava a mão no rosto, mexia em algum objeto na mesa, se distraía com suas próprias brincadeiras. Para motivá-lo, foi necessário o uso de reforçadores positivos, como jogar seu jogo eletrônico favorito em seu tablet ao final dos atendimentos e recompensa de doces da sua preferência para que ele colaborasse com as ações. Essa etapa requiriu mais tempo para ser feita, uma vez que o educando oscilava quanto sua disposição para ensaiar, não queria ser filmado e escutar sua voz pelo celular, foi fundamental corrigir sua postura e entonação de voz frente às câmeras. Posteriormente, após três atendimentos de ensaios, o Elias, ainda com resistência, concedeu entrevistar um frequentador do centro social Allan Kardec, ainda sendo filmado. Essa realização durou um minuto, ele fez três perguntas para o entrevistado, de maneira direta e sem contato visual para o mesmo. 3. Entrevistar pessoas em diferentes ambientes; após os atendimentos de ensaios, o Elias já estava mais confiante em lidar com o cerne das entrevistas, apresentava uma postura mais séria e preocupada frente às câmeras. Logo, as ações seguiram-se para um local externo do Allan Kardeck, sendo então a UFPA. A partir do roteiro/questionário criado na etapa um, o educando fez onze entrevistas com pessoas desconhecidas na UFPA, sendo eles servidores administrativos, alunos e professores. Apesar de não ter vergonha em abordar outras pessoas, ele conduziu as entrevistas, eram de maneira direta, não manifestava cumprimento quanto aos entrevistados, evitava olhar para elas e focava nas anotações que fazia numa folha de papel. Durante a atividade o jovem demonstrou animação, estava mais enérgico, interagindo efetivamente com as educadoras. Um ponto crucial para este momento foram as parabenizações pelo seu desempenho, isto lhe empolgava mais no momento da ação. Tem se que esta etapa teve mais engajamento, por causa da casualidade de conhecer um novo ambiente. 4. Sintetizar e interpretar os dados coletados;

Esse tipo de ação não lhe foi agradável, pois o aluno não possuía disposição para a escrita e leitura. Associou esta atividade como tarefa escolar, mesmo as educadoras afirmando que o

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará – UFPA, [elen.souza@icb.ufpa.br](mailto:elen.souza@icb.ufpa.br);

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal – UFPA, [bruna.diniz@icb.ufpa.br](mailto:bruna.diniz@icb.ufpa.br);

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutorado, Faculdade Ciências Biológicas - UFPA, [valerie@ufpa.br](mailto:valerie@ufpa.br)

objetivo não era para lhe atribuir notas ou reprovar em “disciplinas”. Para mais, em vários momentos no decorrer do ano, ele comentou negatividades da sua escola, sendo um lugar desprezível por causa dos outros alunos, do barulho e da falta de posicionamento dos funcionários do estacionamento. Mecanismos de fuga foram feitos para aliviar o estresse do momento, como brincar com jogos físicos de cartas com as educadoras. Também foi prometido que a atividade final das edições do vídeo só seria possível se as etapas das análises fossem feitas.

5. Gravar um vídeo de curta duração no qual ele interpretava o papel do jornalista;

Próximo do final do projeto, o aluno manifestava mais brincadeiras e liberdade com o corpo docente; tinha dificuldade para manter o foco, seguir instruções, negociava doces para terminar os exercícios de tal forma que as educadoras tiveram que adotar posturas mais firmes para finalizar o trabalho sem, no entanto, deixar o educando desconfortável. A filmagem foi repetida várias vezes visto que o Elias, nervoso, esquecia a sua fala e demonstrava estereótipos. No entanto, e em comparação com as gravações realizadas no início do projeto, o educando tinha uma preocupação maior em como estava frente às câmeras, uma postura mais adequada, possuía mais tempo de contato visual com a câmera do celular e melhor entonação de voz. Todavia, para aliviar o estresse, a gravação do documentário foi dividida em sequências de alguns segundos; cartazes com palavras-chaves foram também confeccionados e segurados pela educadora de forma a nortear a fala do educando enquanto ele estava sendo gravado. Essa abordagem ajudou o Elias que conseguiu finalizar o exercício de gravação.

6. Editar o vídeo

O produto final foi editado por um celular e intermédio do aplicativo de edição de vídeos. Poucas intervenções foram feitas da equipe, o educando teve livre arbítrio para a edição. Ocasão de alívio para o discente, já que o mesmo possui facilidade com esse tipo de ferramenta de edição. E também pôde continuar a tarefa das edições em seu domicílio. O vídeo final teve duração de um minuto e vinte e dois segundos, no vídeo o educando apresenta os resultados da pesquisa com um papel em sua mão com os tópicos a serem ditos para manter sua concentração e ter segurança frente às câmeras. O Elias editou as músicas, legendas e design de fonte de sua escolha. Além disso, ele fez dois comerciais, sendo o primeiro apresentando um aplicativo criado por ele e o segundo falando sobre o seu jogo favorito, ambos intervalos tiveram a duração de vinte segundos. Esses comerciais, tiveram a intenção de amenizar o estresse do jovem em momentos que apresentava instabilidade emocional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará – UFPA, [elen.souza@icb.ufpa.br](mailto:elen.souza@icb.ufpa.br);

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal – UFPA, [bruna.diniz@icb.ufpa.br](mailto:bruna.diniz@icb.ufpa.br);

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutorado, Faculdade Ciências Biológicas - UFPA, [valerie@ufpa.br](mailto:valerie@ufpa.br)

Essa prática metodológica possibilitou estimular a autonomia do mesmo para expressar sua criatividade e tomar decisões, se sentindo mais engajado e motivado nas atividades. Isso ocorre porque a autonomia oferece um senso de controle e responsabilidade sobre o próprio trabalho, aumentando o interesse e o comprometimento com as tarefas. Apesar do educando gostar de desempenhar as atividades, a ideia de ver e escutar sua voz lhe foi um incômodo frequente. Para desenvolver este sentimento de angústia do aluno, foi crucial lhe motivar com elogios parte dos atendimentos para ele se sentir melhor. O recurso audiovisual que foi utilizado como metodologia para o ensino, ofereceu uma alternativa dinâmica para promover a aprendizagem, o engajamento e o desenvolvimento de habilidades essenciais para o cotidiano do educando. Conhecer os centros de interesse do aluno, traz segurança para o mesmo já que este está habituado com as TIC's em casa e podem ser continuadas no âmbito de aprendizado.

**Palavras Chaves:** Vídeo, Comunicação, TEA, Adolescente, Emoção.

## REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.). Arlington, VA: **American Psychiatric Publishing**.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, p. 639-650, 2013.

DE OLIVEIRA, Gabriela Coelho et al. Considerações da aplicação do método PECS em indivíduos com TEA. **Revista EVS-Revista de Ciências Ambientais e Saúde**, v. 42, n. 3, p. 303-314, 2015.

KERCHE-SILVA, Leandra Ernst; CAMPAROTO, Marjori Leiva; RODRIGUES, Felipe Viegas. As alterações genéticas e a neurofisiologia do autismo. **SaBios-Revista de Saúde e Biologia**, v. 15, n. 1, p. 40-56, 2020

MONTENEGRO, Ana Cristina de Albuquerque et al. Contribuições da comunicação alternativa no desenvolvimento da comunicação de criança com transtorno do espectro do autismo. **Audiology-Communication Research**, v. 26, 2021.

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará – UFPA, [elen.souza@icb.ufpa.br](mailto:elen.souza@icb.ufpa.br);

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal – UFPA, [bruna.diniz@icb.ufpa.br](mailto:bruna.diniz@icb.ufpa.br);

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutorado, Faculdade Ciências Biológicas - UFPA, [valerie@ufpa.br](mailto:valerie@ufpa.br)